

Declaração de Martin Romer
Diretor do Comité Sindical Europeu de Educação - Região Europa

Conferência de Imprensa de Lisboa
09/11/2012

A situação na Europa e em Portugal atingiu um ponto de inflexão. De Lisboa a Madrid, e a Atenas, as pessoas estão a revoltar-se contra a austeridade – uma política que traz consigo destruição, desespero e graves problemas sociais.

É uma agenda que destroi empregos em vez de os criar; uma agenda que é injusta, tirando àqueles que mais atenção merecem. O Comité Sindical Europeu de Educação e o movimento sindical geral mantiveram-se firmes contra esta pseudo cura para a crise na Europa. E vão permanecer firmes, sem dar tréguas.

Não foram os trabalhadores que causaram a crise financeira; não foram eles que causaram a crise económica e, acima de tudo, não foram eles que causaram a atual crise da dívida soberana. No entanto, são eles que estão a pagar a crise.

Destruíram-se empregos, encerraram-se escolas, os salários foram reduzidos ou congelados. E aqueles que dependem do Orçamento de Estado – os funcionários públicos, os professores – foram abandonados pelos governos em tempos de necessidade e marginalizados em nome de agendas políticas.

Os orçamentos nacionais foram cortados e os serviços públicos reduzidos – tudo com o objetivo de estimular o crescimento económico. Mas o crescimento não aconteceu. E não acontecerá. Austeridade e crescimento – azeite e água. Não pode haver crescimento se a austeridade prevalecer.

Em 2013, este país deverá viver o seu terceiro ano em recessão. E, no entanto, os seus governantes preparam-se para continuar a reduzir o défice, e continuam a fechar os olhos e a fazer ouvidos moucos aos inúmeros apelos e manifestações para uma mudança de política.

Os mais afetados por esta crise não serão silenciados e não podem ser silenciados. Eles continuarão a elevar a sua voz pela solidariedade, pela unidade e pela democracia.

Os nossos governantes escolheram salvar alguns e deixar outros para trás, tendo que se defender sozinhos. As instituições financeiras – e os especuladores que causaram a crise – obtiveram chorudas recompensas dos cofres públicos, sem restrições, enquanto os funcionários públicos – incluindo os professores – têm visto o seu corte de pensões e reduções salariais consagrados em lei.

Os professores sempre foram aqueles que passaram o saber de uma geração para a seguinte – abrindo mentes e corações à sabedoria, partilhando o conhecimento da nossa civilização e fornecendo as ferramentas necessárias

para a construção de um futuro melhor. A sua presença sempre foi necessária; a sua orientação e liderança sempre foram pedidas.

E, no entanto, as políticas dos governos da Europa têm trabalhado contra esta verdade. Os orçamentos para a educação foram cortados. Muitos professores estão a sair da profissão. E muitos sentem-se desencorajados para seguir a profissão. Este *não é* um caminho a seguir para a Europa.

Um grande número de jovens altamente qualificados estão desempregados – as suas capacidades e talentos estão a ser desperdiçados por falta de empregos decentes. E a austeridade nunca conduz a novos empregos. O investimento, sim.

O investimento na educação, formação e investigação é o caminho a seguir. É um pré-requisito para a recuperação, para o crescimento sustentável e bem-estar social. O investimento em educação é um investimento no futuro de cada nação.

A educação – e o setor público em geral – devem agir como pilares fundamentais de uma estratégia coordenada para construir um crescimento sustentável e equitativo. Mas sem uma base macro-económica adequada, a educação e formação de pouco servirão. É por isso que as medidas de política fiscal dos governos são cruciais para definir o tom certo. Mas a gestão da crise da Europa não está, infelizmente, em sintonia e comprometeu-se o bem-estar das gerações futuras.

No papel, o investimento em educação é uma diretiva oficial da União Europeia. É um dos principais objetivos da Estratégia Europa 2020, cujo slogan é “crescimento inteligente, sustentável e inclusivo”. Os ministros da Educação dos vários países subscreveram esta estratégia em Bruxelas e, de seguida, cortaram nos orçamentos da educação nos respetivos países. Este comportamento contraditório não pode continuar.

Um dos obstáculos para um maior papel do setor da educação enquanto elemento fundamental de uma estratégia europeia de crescimento, tem sido a Troika – uma aliança de credores internacionais que inclui a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário internacional.

O seu envolvimento nas políticas nacionais tem sido antidemocrático e contraproducente. A troika tem ditado a política fiscal, ameaçou retirar o apoio financeiro e forçou os governos nacionais a seguir uma agenda imposta. As ações da troika corroem a confiança das pessoas na Europa e destroem o seu tecido social.

A recuperação da Europa exige uma maior solidariedade. Exige investimentos específicos. E exige uma disposição dos governos nacionais para mudar de rumo e ouvir o povo. Greve após greve, os povos da Europa têm expressado a sua vontade coletiva e a sua desaprovação comum. O ponto de viragem chegou. A austeridade tem que passar à história, se quisermos ver surgir um futuro de crescimento.